

TRABALHO DE CAMPO PELA RUA XV DE NOVEMBRO: DESVENDANDO A SOCIABILIDADE JUVENIL EM GUARAPUAVA-PR*

Sandra Cristina FERREIRA**
Nécio TURRA NETO***

Resumo: Este trabalho é resultado de uma experiência interdisciplinar, realizada com alunos do 3º ano de Geografia da UNICENTRO, envolvendo as disciplinas Tópico I - Trabalho de Campo em Geografia I e Geografia Cultural e teve como objetivos articular os conhecimentos metodológicos de organização e realização de um trabalho de campo com o estudo de uma temática específica, qual seja: a dinâmica da sociabilidade juvenil no espaço urbano de Guarapuava. O que se apresenta aqui é o resultado das reflexões teóricas desenvolvidas no âmbito das duas disciplinas, dos procedimentos de realização do trabalho de campo pela rua XV de Novembro, acompanhando os acontecimentos que ali tiveram lugar durante todo um final de semana (de sexta-feira à domingo), bem como das conclusões a que chegamos quando retornamos à sala de aula e confrontamos as observações realizadas com a teoria estudada.

Palavras-chave: Trabalho de campo; sociabilidade; juventude.

Resumen: Este trabajo es el resultado de una experiencia interdisciplinaria hecho con los estudiantes de los 3o. año de Geografía de la UNICENTRO, involucrando las disciplinas Tópico I – Trabajo de Campo en la Geografía I y la Geografía Cultural. Este estudio tenía como objetivos la articulación del conocimiento metodológico de organización ejecución del trabajo de campo con el estudio de una temática específica que es: la dinámica de la sociabilidad juvenil en el espacio urbano de Guarapuava. Lo que se presenta aquí es el resultado de las reflexiones teóricas desarrolladas en el ámbito de las dos disciplinas, los procedimientos de ejecución del trabajo de campo a la calle XV de Noviembre, acompañando los eventos que tuvieron lugar allí durante un fin de semana entero (de viernes a domingo), así como las conclusiones que alcanzamos cuando nosotros regresamos al aula y comparamos nuestras observaciones con la teoría estudiada.

Palabras-clave: Trabajo de campo; sociabilidad; juventud.

1. Introdução

Consideramos muito produtiva a oportunidade oferecida pela nova estrutura curricular do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Centro Oeste/UNICENTRO, em que através da disciplina Tópicos Especiais, o/a professor/a tem a liberdade para propor ao departamento a inserção de temas importantes para a Geografia e que não são contemplados no rol das disciplinas permanentes. Assim, surgiu a proposta de discussão e realização de Trabalho de Campo em Geografia. Proposta que se completou com o diálogo com a disciplina de Geografia Cultural, do qual surgiu a proposta de articulação interdisciplinar para realização de um trabalho de campo em conjunto, no terceiro ano do curso de Geografia da UNICENTRO. Da disciplina Trabalho de Campo em Geografia I vieram os subsídios metodológicos e da disciplina de Geografia Cultural vieram a proposta temática e os referenciais teóricos.

Os objetivos delineados de ambas as disciplinas foram: discutir, compreender e planejar o trabalho de campo em Geografia Cultural, conduzir os/as acadêmicos/as à compreensão e utilização dos diversos procedimentos metodológicos e técnicos na realização da pesquisa de campo em Geografia; assim como estudar os diferentes usos da rua XV de Novembro, sobretudo os ligados ao lazer e a sociabilidade juvenil; identificar o público freqüentador e os grupos de identidade que se encontram neste espaço de lazer; e estudar a mancha de lazer em si, seus equipamentos e suas diferentes formas de apropriação.

1.1 Trabalho de campo em Geografia: um pouco de história

* Relatório de pesquisa.

** Profa. do Depto. de Geografia/UNICENTRO, doutoranda pela UNESP/Presidente Prudente. sheidecke@hotmail.com.

*** Prof. do Depto. de Geografia/UNICENTRO, doutorando pela UNESP/Presidente Prudente. turraneo@yahoo.com.br.

Uma das preocupações em torno da discussão sobre o trabalho de campo refere-se, num primeiro momento, à necessidade de desmistificar tal procedimento, visto por vezes como viagens de turismo, ou simples passeios.

Para tanto, foi inicialmente trabalhado em sala com referencial teórico visando ao entendimento do que é um trabalho de campo, sua importância, enquanto técnica tanto para a pesquisa quanto para o ensino de Geografia. Tais referências não restringiram-se à produção geográfica, mas transitaram por distintas áreas do conhecimento, uma vez que esse procedimento investigativo, não é exclusivo da Geografia, embora esta ciência, tenha ampla e contínua relação com tal atividade desde os primórdios. Nesse caso, as referências adotadas objetivaram atender às propostas de pesquisa em Geografia Cultural, incorporando algumas referências metodológicas do campo da Antropologia.

O contato com o processo histórico das atividades de campo e o entendimento das suas contribuições para o avanço da ciência e do pensamento Geográfico permitiram reforçar a seriedade e a confiabilidade nos resultados que uma pesquisa de campo oferece. Ressaltamos que, para isso, faz-se necessário o planejamento de todo o processo, iniciando com preparação antes do campo: a delimitação da região de trabalho, estabelecimento dos objetivos, o tempo a ser empregado na pesquisa, a escolha dos instrumentos de investigação (entrevistas, questionários abertos/fechados, observação participativa/dirigida entre outras possibilidades), a prática durante o campo (responsabilidade com a pesquisa, pontualidade entre outros aspectos) e o retorno do campo com os dados levantados, partindo para a etapa da tabulação, sistematização, análises e reflexões na verificação de resultados.

As viagens foram durante muito tempo o principal procedimento para aquisição e expansão dos conhecimentos que redundaram, principalmente para os povos da Europa Ocidental, em acesso à novos conhecimentos, acumulação de capital e poder.

Consideramos que a precisão dos resultados perpassa o estabelecimento de objetivos claros para a condução da pesquisa e, tanto no ensino como na pesquisa. Com o trabalho de campo “[...] se torna mais apurada a capacidade de observação e ganham os conhecimentos a solidez que só o contato com a realidade objetiva pode dar” (SILVEIRA, 1936, p.72).

A história clássica da Geografia, segundo Suertegaray (1996, p. 02),

valorizou sobremaneira o trabalho de campo. Este era concebido como indispensável ao conhecimento da realidade (espaço geográfico) e seria através dele que os geógrafos teriam as informações à compreensão da organização dos lugares.

Certamente, a prática de trabalhos de campo sofreu e sofre transformações devido às mudanças de interesses, paradigmas e das relações entre sociedade e natureza no decorrer do tempo histórico. Na década de 1950, promoveu-se severas críticas ao trabalho de campo pautadas na argumentação de que essa prática promovia uma análise centrada na descrição. Nos anos de 1960 e 1970, as divergências apresentavam-se no contexto do movimento de renovação da Geografia e, nesse período, conforme Suertegaray (1996, p.02), evidenciou-se duas tendências:

A primeira desvalorizou o trabalho de campo em decorrência da possibilidade de analisar a realidade através de levantamento ou registros, já nesta época bastante desenvolvidos – a exemplo dos censos, das fotografias aéreas e mesmo das imagens de satélites, [...] a segunda resgata e valoriza o trabalho de campo enquanto fundamental ao reconhecimento geográfico da realidade, propondo neste contexto uma reflexão sobre o compromisso do pesquisador com os resultados e a sua divulgação entre a população envolvida.

Nos dois casos, sentimos o peso que as mudanças na sociedade e no espaço proporcionam conjuntamente ao avanço do pensamento e do conhecimento científico. Sentimos na primeira tendência uma supervalorização das pesquisas em laboratório, o debruçar-se sobre a coleta de dados em censos, registros em arquivos, entre outras fontes materiais de pesquisa. Na segunda tendência, sentimos a preocupação com a etapa final das pesquisas em campo, exigindo maior compromisso com a sociedade, priorizando retornar à ela os resultados alcançados na pesquisa.

Tal atitude possibilita, ao nosso entender, transpor os conhecimentos para além do âmbito universitário/acadêmico, fazendo valer o papel da extensão universitária e a valorização e reconhecimento dos trabalhos realizados na academia que, em muitos casos, permanecem engavetados, ou alimentando discussões teóricas entre determinados grupos de cientistas.

Os debates, afinal, são sempre importantes, estimulam a discussão e as reflexões. Nesse caso, trouxeram contribuições para o trabalho de campo, permitiram avançar em questões antes não pensadas e torná-lo ainda mais importante para a busca e apreensão de novos conhecimentos. As produções em torno da temática prosseguiram ao longo dos anos de 1980, com destaque para os trabalhos de Bernard Kayser e Yves Lacoste. Atualmente, a Geografia busca se reconciliar com esta sua velha metodologia de pesquisa, reconhecendo nela um caminho importante para a produção científica, pelo encontro entre a teoria e a prática.

1.2 Propostas teórico-metodológicas para o campo em Geografia Cultural

Como já salientamos, a metodologia de trabalho de campo não é instrumento exclusivo da Geografia e, nesse sentido, também, as discussões realizadas em outras ciências trouxeram contribuições para o embasamento teórico que antecedeu a atividade. Trabalhos desenvolvidos, sobretudo, na Antropologia e Sociologia permearam as discussões que, além das questões técnicas do campo, apresentaram experiências realizadas que vieram ao encontro de nossa proposta de trabalho.

Em Bernard Kayser (1985), considerando o período histórico em que foi produzido, encontramos uma discussão em torno do geógrafo e da pesquisa de campo, na qual o autor reforça a importância do trabalho de campo, traz reflexões sobre a tipologia das pesquisas de campo, aponta diferentes exemplos de levantamento de dados, entre outros apontamentos. Enfatiza também a importância da pesquisa de campo como um meio para o entendimento da realidade social e argumenta que

são as relações dos homens com o espaço, ou a respeito do espaço, que preocupa o geógrafo moderno, preocupação ou polarização insuficiente, de vez que não se pode compreender estas relações sem conhecer e compreender as relações dos homens entre si, quer dizer, as relações sociais (KAISER, 1985 p. 31).

Nessa perspectiva, o autor sugere maneiras de se observar o cotidiano e descobrir o inóspito, assim como deve-se considerar as relações sociais em escala local-global, onde o pesquisador encontra algumas dificuldades na identificação dos conflitos e problemas, chamando a atenção para pontos cruciais para o desenvolvimento da pesquisa de campo.

Lacoste (1985), por sua vez, enfatiza a responsabilidade do pesquisador face aos homens e mulheres e ao território que ele estuda. Para ele,

o pesquisador, seja coletivo ou individual, não deve procurar aproveitar-se de sua pesquisa para envolver-se diretamente nas lutas políticas do grupo que estuda, pois mesmo aqueles que ele acredita ajudar, não deixarão de lhe dizer no fim de algum tempo, que ele os embaraça, que ele pretende dirigi-los e que, enquanto estrangeiro, não está diretamente envolvido por estas lutas. [...] é preferível que o pesquisador se retire uma vez terminada a pesquisa para não ser tentado a transformar seu saber em poder (LACOSTE, 1985, p. 22).

Lacoste (1985) reforça a necessidade de comprometimento e de fidelidade nas observações, nas análises dos dados coletados em campo e, principalmente, na divulgação dos resultados.

No trabalho de Winkin (1998), encontramos a discussão sobre a iniciação do pesquisador no trabalho de campo e como essa prática passa a contribuir para a pesquisa e o ensino entre os antropólogos.

O autor enumera algumas exigências para a realização da atividade de campo destacando o comprometimento do pesquisador com os objetivos estabelecidos, a frequência e a apuração do processo de observação. Reforça, ainda, a função do diário de campo e, de início, a apuração da observação deve ser estimulada, por isso, “nada de câmeras, nada de gravações vamos a ele sem escafandro, armados apenas de uma caneta e de uma caderneta” (WINKIN, 1998, p.140).

O autor relata vários estudos realizados em diferentes lugares, experiências pessoais ou com acadêmicos, geralmente em áreas urbanas de cidades norte-americanas ou francesas.

Uma técnica bastante empregada em trabalho de campo é a entrevista. Entretanto, ela não se restringe a fazer perguntas e esperar as respostas, mas, trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo pesquisador. A fim de preparar os acadêmicos para a realização de entrevistas em campo, apresentamos algumas técnicas e seus objetivos. No trabalho de Colognese; Melo (1999), encontramos algumas classificações de entrevistas, assim como algumas considerações sobre como proceder em determinadas situações de entrevista e sobre a organização e análise dos resultados da entrevista. Para Colognese; Melo (1999, p. 143),

[...] com a entrevista busca-se recolher certas informações concernentes a um objeto específico. Entrevista-se porque acredita-se que o entrevistado detém informações que, transmitidas ao entrevistador, podem ajudar a elucidar questões.

Cada entrevista é uma situação diferenciada, tanto pelos objetivos almejados, pela conduta do entrevistador e, principalmente, pelo entrevistado. O roteiro de entrevistas pode auxiliar na tentativa de conduzi-la de maneira tranqüila e produtiva, de forma a dar a liberdade necessária para que o entrevistado organize seu raciocínio e possa contribuir efetivamente com a pesquisa.

Também fomos buscar na Antropologia mais bases para o entendimento das questões mais ligadas a temática que estávamos interessados em desvendar: o relacionamento entre os indivíduos, os grupos sociais e o espaço urbano. Por se tratar de uma pesquisa envolvendo juventude e sociabilidade, tendo como delimitação espacial ruas da área central da cidade, o texto de Magnani (1992) trouxe grande contribuição, na medida em que pudemos vislumbrar questões pertinentes ao trabalho que seria realizado, identificando conceitos como pedaço, manchas de lazer e trajeto. Tais conceitos permitiram explorar as relações entre a prática coletiva e o espaço onde ela ocorre.

Em trabalho baseado em pesquisas desenvolvidas em locais de encontro e sociabilidade na cidade de São Paulo, o autor destaca algumas inquietações quanto a pesquisa na cidade e a contínua busca por categorias que permitam o estudo e compreensão das relações sociais no/com o espaço urbano. Para Magnani (1992, p. 191):

As discontinuidades significativas nessa paisagem não são, entretanto, o resultado direto e imediato de fatores naturais como a topografia, ou de intervenções como as divisões político-administrativas, o zoneamento, o traçado das ruas e outras normas: tais discontinuidades são produzidas por diferentes modalidades de uso e apropriação do espaço que é preciso, justamente, identificar e analisar. Para tanto, é preciso dispor de categorias que permitam explorar as relações entre determinada prática coletiva e seus padrões de implantação espacial.

Os conceitos apresentados e discutidos por Magnani (1992), permitiram o preparo para o entendimento e a identificação de mancha de lazer, dos trajetos e dos pedaços (que serão definidos na Geografia Cultural como Territórios) no recorte espacial a ser analisado, assim como perceber a infinidade de relações que se estabelecem entre os indivíduos e tais categorias espaciais.

O embasamento teórico e as discussões em sala ofereceram segurança ao grupo para enfrentar as etapas da pesquisa de campo. Esses estudos também garantiram aos acadêmicos a confirmação da importância da pesquisa teórica, do estudo e de todo o preparo necessário, antes de ir a campo propriamente. Essa etapa consiste na base de todas as atividades a serem realizadas e, conseqüentemente, influenciará nas etapas seguintes e nos resultados da pesquisa de campo.

1.3 A contribuição da Geografia Cultural: recortes temático e territorial do trabalho de campo

A disciplina partiu de uma reflexão sobre a “revolução cultural” (HALL, 1997) de nosso tempo, em grande parte impulsionada pelo advento de processos que se convencionou agrupar sob o rótulo de globalização. E não há nenhum grupo social mais afetado por estas novas ondas do que a juventude urbana, mais aberta, como sempre o foi, às inovações.

Reconhecemos que as relações que a juventude local estabelece com estas forças e processo globais, no campo cultural, dá-se, sobretudo, nos espaços e tempos de lazer. Por isso, o objeto do trabalho de campo foi se desenhando e apontando para o estudo da “mancha de lazer” (para usar um conceito de Magnani, 1992) da rua XV de Novembro de Guarapuava. Um espaço central, onde se congregam vários grupos juvenis, de diferentes cantos da cidade, para encontros, diversão, sociabilidade, enfim, para exercitarem sua juventude dentro dos quadros de referência colocados a disposição pela cidade e pelo mundo urbano como um todo.

Para subsidiar o trabalho de campo no sentido de direcionar o olhar para algumas questões que podem ser observadas na mancha de lazer, que se organiza em torno da rua XV de Novembro, foram trabalhados alguns textos em sala que discutem a sociabilidade juvenil contemporânea. Tais textos deveriam problematizar as pré-noções dos alunos sobre a dinâmica noturna da rua, bem como estimular a imaginação para a construção das questões que comporiam os questionários a serem aplicados no campo.

Inicialmente, discutimos o texto de Carrano (2002) que relata observações do tipo etnográfico sobre o movimento de jovens em uma rua na cidade de Angra dos Reis. À semelhança de Guarapuava, a rua descrita por Carrano é o centro noturno da cidade, onde se concentram os bares, as boates e para onde aflue grande parte do contingente juvenil da cidade, em busca de diversão, aos finais de semana.

Para este autor, no espaço de sociabilidade que a rua representa, mais que diversão e entretenimento, são colocados em funcionamento complexo processo de formação de subjetividade e de disputas territoriais. Ou seja, a “cultura da noite” educa para um certo jeito de ser e estar no mundo, ocupar o espaço e construir identidades e diferenciações. Na rua, em que “dá de tudo”, a convivência com o distinto é inevitável. Neste sentido, “[...] afirmar a presença em espaços públicos é apostar na possibilidade de que a rua se transforme verdadeiramente em território democrático de convivência de identidades heterogêneas que compartilham igualdade de direitos” (CARRANO, 2002, p. 48). Tal convivência obriga também a desenvolver uma atitude atenta, pois ao mesmo tempo em que a rua tem de tudo, nela também tudo pode acontecer.

Outro aspecto importante de Carrano que ajudou-nos a definir questões a serem observadas na mancha de lazer de Guarapuava foi sua referência à prostituição, também muito presente na rua de Angra. Paralelamente à rua XV de Novembro, nas ruas Guaíra e Pe. Chagas, temos a presença de prostitutas e travestis que, despertados pelo referido autor, julgamos interessante conhecer em suas práticas sócio-espaciais.

O texto “Geografia da *Night*” de Almeida; Tracy (2003) trouxe contribuições interessantes para desvendar as práticas espaciais da juventude contemporânea nos usos do tempo do lazer. Trabalhando com a realidade da metrópole do Rio de Janeiro, as autoras nos dão um panorama da sociabilidade dos jovens de classe média, que dispõe de carro e de uma infinidade de opções de encontro e diversão na cidade. Chamam estes jovens de “guerreiros nômades”, pois muito de sua diversão acontece na circulação, em trajetos entre vários pontos, sem que nenhum represente uma referência fixa. “A simultaneidade característica da ‘geração *zapping*’ evita, assim, as perdas inevitáveis que resultariam de uma escolha definitiva” (ALMEIDA; TRACY, 2003, p. 45). Nesta dinâmica, o uso dos celulares é uma nova arma, pela qual são informados dos lugares que estão “bombando” e dos que estão “caídos”.

Não é por acaso que o ponto de encontro dos jovens estudados pelas autoras é o posto de gasolina.

Novamente comparações interessantes foram feitas com a dinâmica da mancha de lazer da XV de Novembro, onde podemos encontrar dois postos de gasolina sempre muito movimentados aos finais de semana. Contudo, não deixamos de considerar que no Rio de Janeiro, uma metrópole, os postos de gasolina são locais de encontro para a “pré-*night*” e que em Guarapuava, provavelmente, a dinâmica poderia ser diferente, dadas as dimensões muito mais reduzidas da escala urbana.

Outro texto discutido em sala, com intenção de subsidiar o trabalho de campo, foi o de Castro (2004). Nele discutiu-se o processo de “travessia” da casa para a rua, que coincide com a passagem da infância à adolescência. Neste processo ocorre uma “estrangeirização”, ou seja, uma possibilidade de conhecer novas referências identitárias, diferentes daquelas apreendidas até então no universo familiar. A rua é o espaço de novas descobertas, de novas “filiações”, que emergem no processo de circulação. Para Castro (2004, p. 71),

[...] Circular pela cidade encontra uma de suas razões ao permitir que [...] jovens expandam suas possibilidades subjetivas, tendo no espaço a dimensão para poder recriar a si e o mundo. Entre idas e vindas dos percursos que se fazem na cidade, os espaços vão se construindo de outra maneira investidos pelos sujeitos, elementos de um passado vivido e vislumbres do que está por vir. A espacialidade assim produzida torna-se, assim, extensão da história e da ação pessoal, entrecruzamento de realizações e possibilidades.

Nesta circulação e descoberta de si e da cidade, pelos espaços de encontro e diversão que a cidade oferece, que são também espaços de construção de práticas e de subjetividades, a presença do amigo ou do grupo de amigos é fundamental. Trata-se de um movimento de “fazer alguma coisa junto com outros iguais”. Para Castro (2004), os jovens contam com a ajuda dos amigos para mudar seu *status* dentro da cidade. Ganham movimento e liberdade, num processo de construção de si, da cidade e de grupos de identidade.

Uma idéia importante para nossa disciplina e que articula a juventude contemporânea aos processos de globalização que a atingem na cidade nos foi dada pela autora na articulação que faz entre a circulação e a “apoteose do desenraizamento”. Nas suas palavras:

[...] o movimento e a circulação determinam apropriações culturais inseridas na extensa e complexa rede de controles sociais através do consumo visual.

[...] Nem terra natal, nem família de origem: os jovens desejam perder-se na cidade, para aí reconstruírem outras referências identificatórias. [este processo não deve ser pensado como conquista de espaços de liberdade pelos jovens] [...] A desterritorialização, conquistada na lenta erosão do parentesco e da tradição, tem que ser pensada à luz dos processos globalizantes do contemporâneo que atingem a vida dos habitantes da grande cidade. [...] os jovens, ao perambularem pela cidade na tentativa de estabelecerem novos *lugares*, ou seja, pontos e locais de divertimento e encontro, estariam submetidos a pontos de vista dominantes que organizam o espaço, conferindo-lhe novos valores através de imagens e socializando os jovens em padrões de consumo” (CASTRO, 2004, p. 80-82).

Neste sentido, a circulação, ao mesmo tempo em que expande as “possibilidades subjetivas”, coloca os jovens em relação com o processo de “internacionalização do território”. Contudo, não podemos pensar, enquanto geógrafos, que os processos de desterritorialização estão dissociados de reterritorialização. As novas referências identitárias assumidas pelos jovens os colocam num complexo jogo de proximidades e distanciamentos em que o território tem um importante papel. É ele que media as relações entre os grupos juvenis que se formam nestes processos. Por isso, para este trabalho de campo, o conceito de território, trabalhado em momento anterior na disciplina de Geografia Cultural foi novamente acionado aqui para servir como referente que conduziria o olhar no campo. Tal conceito foi discutido em sala a partir de dois textos: Turra Neto (2000) e Haesbaert (1999).

Ainda quanto ao papel da circulação na socialização e na sociabilidade dos jovens, é preciso estabelecer uma diferenciação entre jovens a partir do seu poder aquisitivo. Como lembra Castro (2004, p. 72), “a mobilidade pela cidade põe em cena relações de poder. Os jovens pobres “guetificados” acabam por se verem restritos aos seus locais de moradia, com limitado acesso a bens culturais e ao lazer, geralmente, presentes nas áreas mais centrais e ricas. Tal distância também vem limitar as “possibilidades de ampliar seus horizontes educacionais e culturais”.

No mesmo sentido, Diógenes (1998) se pergunta: se ser jovem hoje passa pela circulação pelos espaços luminosos da cidade e pelo consumo de referentes culturais globais, como os jovens pobres (que elas chama de “proscritos”) realizam sua juventude? Vai argumentar que na atualidade os critérios de integração social são outros e passam por uma noção de território e uma dinâmica do consumo divorciada de uma valorização do referente trabalho. Para a autora,

A mundialização concorre para a projeção de um tipo de cidadania que parece não apenas transpor espacialidades tradicionais como, de forma mais drástica, construir outras lógicas de interação indivíduo-espaço. Como a cidadania das ‘cidades mundiais’ é por sua essência descentralizada, construída nas navegações de redes internacionais, os indivíduos que não têm acesso a essa dinâmica tendem a enclausurar-se em referentes territoriais catalizadores de familiaridade e de reconhecimento mútuo. Desse modo, transcender os limites físicos dos espaços “proscritos” do bairro não significa apenas transpor as barreiras da segregação espacial mas, também, experimentar um modo de “re-territorialização” nos espaços integrados à *cultura de massa global*. (DIÓGENES, 1998, p. 37 – destaque da autora).

Ao se apropriarem dos ícones de consumo da cultura de massa e ao circularem com ele pelo centro da cidade, estes jovens estariam fazendo sua inscrição na cultura juvenil genérica e numa “estética juvenil global”. Trata-se de uma inserção social pela imagem. Contudo, as marcas da exclusão estão presentes no espaço-corpo destes jovens e são levadas com eles, de modo que, mesmo adotando os elementos de uma estética global juvenil, sua condição de “proscritos” está visível, revela sua condição de pobres, moradores da periferia; carregam seu “estigma territorial” impresso como uma tatuagem. Por isso, não conseguem se camuflar na multidão. Mas, mesmo assim, é fundamental estar nos espaços iluminados pela cultura do consumo e afirmarem aí sua identidade de membros da cidade. Saem em bando dos bairros e em bandos circulam pela mancha de lazer. Sua simples presença evidencia que não pode haver paz numa sociedade desigual.

Tal discussão se faz necessária, na medida em que sabíamos que encontraríamos na rua XV de Novembro jovens procedentes dos mais variados bairros da cidade, gangues de jovens “proscritos” que

encenam seus enfrentamentos nesta rua. Assim, deveríamos estar teoricamente preparados para encarar esta questão e com o olhar treinado para identificar os sujeitos destes “espetáculos urbanos”.

Para Diógenes a violência encenada pelos jovens “excluídos” no centro, nos espaços luminosos, é uma forma de ganhar alguma visibilidade, numa cidade que os relega à invisibilidade. Nas suas palavras:

Ganhar visibilidade, fazer excessiva essa visibilidade torna-se um modo não apenas de romper os “muros” e os signos do “estigma territorial”, como também de transposição de dinâmicas localizadas, estancadas nos bairros segregados, para as tramas globais de registro público.

É então que o estigma territorial, marca classificatória, produtora de uma *invisibilidade negativizada*, mobiliza os jovens moradores dos espaços segregados, territorialmente e socialmente, a “positivar” tais referentes, produzindo “confrarias de proscritos” denominadas, quando as práticas de violência tornam-se recorrentes, de *ganguês*. A “desterritorialização” produzida na dinâmica segregadora torna-se, através da experiência das gangues, um modo “avesso” de “re-territorialização” (DIÓGENES, 1998, p. 41 – destaques da autora).

Para reforçar a necessidade de ultrapassar julgamentos do tipo moral, diante das práticas violentas dos jovens dos espaços segregados, chamamos para o diálogo mais uma vez Carrano (2002, p. 65), para quem

Nas práticas culturais da juventude se pode compreender que determinadas relações, consideradas simplesmente como violentas, são verdadeiros jogos rituais referidos às condições de vida social dos jovens que os põem em movimento. [...] [pois] vivem uma realidade de violência social que os impulsionam para a realização de também violentas formas lúdicas de sociabilidade.

Assim, acreditamos que estávamos embasados teoricamente para entrar no campo, construir observações a partir das referências lidas, pois a juventude em todos os lugares está articulada por alguns referentes comuns. A forma como ela acontece no Rio de Janeiro, em Angra dos Reis ou em Fortaleza (Diógenes, 1998), nos estimula a pensar seus modos de acontecer em Guarapuava, identificando aqui elementos muito próximos e práticas espaciais similares. Contudo, é sempre bom lembrar que estamos num contexto sócio-espacial particular e que aqui as mesmas questões ganham outros matizes.

Além deste debate sobre juventude, sociabilidade e lazer, um outro conceito agregador, que direcionou a organização dos questionamentos, foi o de mancha de lazer, desenvolvido por Magnani (1992). Para ele, a mancha de lazer é um espaço freqüentado por muitos e diferentes sujeitos, em que há “formas de ocupação ‘negociadas’ do espaço”, como horários diferenciados. Mas, quando há cruzamentos, o desconhecimento mútuo estabelece uma espécie de “invisibilidade social”.

A mancha de lazer funciona como ponto de referência para um número grande e diversificado de freqüentadores. Trata-se de uma área contígua dotada de equipamentos que constroem seus limites, viabilizam-na e a tornam visível.

Ao longo do tempo histórico, na própria cidade vai se configurando uma espécie de núcleo, que pode ser percorrido à pé e é percorrido ao extremo. As manchas são recortadas por trajetos e abriga pedaços. “As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso – o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários.” (MAGNANI, 1992, p. 197)

A partir desta definição, tornou-se interessante também, além de problematizar a sociabilidade juvenil praticada na Rua XV de Novembro, vislumbrar os equipamentos de lazer que ali estão presentes e que, de certa forma, condicionam o funcionamento da mancha. Assim, incorporou-se ao conjunto das questões a serem levadas a campo, algumas direcionadas exclusivamente aos donos e gerentes de estabelecimentos comerciais freqüentados pelos jovens.

2. Colocando as mãos na massa, ou os pés na rua XV

Para instigar e sensibilizar ainda mais os alunos e alunas para o trabalho de campo, selecionamos algumas falas retiradas de um tópico de discussão de uma comunidade do *orkut* de Guarapuava, intitulado “Eu Odeio a XV”. Ali, vários depoimentos explicando o porque odeiam a rua XV. Com isso, foi possível identificar algumas tensões presentes na rua, com as quais, possivelmente, iríamos nos deparar.

observações com um os seis públicos definidos. Cada um destes grupos deveria aplicar um total de 30 questionários, número julgado suficiente para ter um perfil dos jovens que frequentam a mancha; com exceção dos grupos responsáveis por coletar dados junto aos donos de estabelecimentos (postos de gasolinas, bares e restaurantes), pois, neste caso não seriam aplicados questionários, mas sim realizadas perguntas abertas.

Chegando à Praça Cleve, no horário combinado, os grupos já anteriormente divididos rumaram para seus locais de trabalho e começaram a entrar em interação com o universo da rua XV.

Os professores ficaram circulando pelos vários grupos, acompanhando sua atuação. O “quartel general”, espontaneamente, constituiu-se nas mesas do *trailer* de cachorro quente “Prensadão”. Os grupos que terminavam o trabalho de entrevista e aplicação de questionários iam se reunindo por ali e esperando novas instruções. Finalizada esta etapa, a ordem era interagir, passear pela rua XV e conversar informalmente com as pessoas. Aqueles que tinham que ir embora foram dispensados, mas a maior parte continuou por ali. Era cerca de 02:00 horas da manhã quando os professores foram embora, já pensando nos outros dois dias de campo.

O sábado e o domingo foram dedicados à observação sistemática das transformações do movimento e das formas de apropriação da rua XV ao longo de um período de tempo. Neste sentido, estabelecemos um horário de observação que se iniciava no sábado às 14:00 horas e terminada no domingo às 06:00 horas; reiniciava-se no domingo às 16:00 horas e terminava às 00:00 horas de segunda-feira. Para tal adotou-se a divisão da sala nos grupos de relatório e estabelecemos também seis horários de observação, em que cada grupo deveria se revezar. Assim, o primeiro grupo fez observações das 14:00 às 18:00 horas do sábado; o segundo grupo das 18:00 às 22:00 horas; o terceiro das 22:00 horas do sábado às 02:00 horas do domingo, e assim por diante. Os professores ficaram se revezando de quatro em quatro horas, acompanhando os grupos.

Cada grupo, no momento da observação, dividiu-se em subgrupos de dois, cada um indo para um lado da rua. De meia em meia hora, ou de uma em uma hora, dependendo dos eventos a serem relatados, o grupo se encontrava num local pré-determinado para redigir as observações realizadas.

No sábado, das 14:00 as 18:00 horas, o ponto de encontro do primeiro grupo e do segundo foi a Praça IX de Dezembro, em frente à Catedral de Guarapuava, uma vez que neste ponto concentra-se o movimento da rua XV no horário, marcado por forte presença de famílias e consumidores, olhando as vitrines.

A partir do terceiro grupo, que chegou ao campo às 22:00 horas, o ponto de encontro se deslocou para a Praça Cleve, já na mancha de lazer da Rua XV, onde se concentra o movimento da noite, não mais de famílias, ainda que elas estejam ali presentes, mas de jovens em grupo, em busca de diversão. Novamente o *trailer* do Prensadão foi nosso “quartel general”. Esta migração do ponto de encontro também se processou no domingo...

Cada grupo que chegava deveria entregar ao professor responsável naquele horário, os questionários e/ou entrevistas aplicados na noite anterior e, ao final do horário, o relatório do que foi observado pelo grupo no correr das quatro horas.

A sistematização do material, que se consistiu na tabulação dos questionários, na passagem para o computador das entrevistas e na organização dos relatórios de observação, na seqüência em que foram realizados, ficou a cargo dos professores.

De volta à sala de aula este material foi repassado aos grupos e analisado coletivamente pelo conjunto da turma. Neste momento, toda a turma teve espaço para colocar suas impressões do trabalho e algumas conclusões foram ali construídas coletivamente. É o que passaremos a apresentar no próximo item.

3. Decifrando a XV: a discussão em sala

De volta à sala, os alunos estavam cheios de histórias para contar, sobretudo, dos momentos de observação em que nem todos estavam presentes, mas apenas um grupo reduzido. Destas conversas foram levantadas muitas hipóteses, visto a precariedade dos dados que dispúnhamos, fruto de um único contato com o campo. Também foram desenhadas algumas conclusões, construídas coletivamente em sala de aula. São a estas hipóteses e conclusões que passamos agora, contudo, salientaremos apenas as mais relevantes, as que ganharam maior destaque no debate.

Foi relatada uma briga que aconteceu entre gangues rivais, na madrugada de domingo, por volta das 04:00 horas, presenciada pelo professor e pelo grupo que estava no turno. Ouvimos dizer que a rua XV está muito violenta, um comentário que precisa ser problematizado, pois a violência é uma prática social, portanto, não é algo que pode ser atribuído à rua. Contudo, não podemos perder de vista que a violência se espacializa, no momento mesmo de seu acontecimento e não é por acaso que exista esta “representação social” (da XV como violenta) sobre a rua. Ela como “espaço banal”, lugar de tudo e de todos, cria condições de possibilidade de embates e conflitos que, muitas vezes, deixam de ser velados e passam às vias de fato.

Muitos dos relatos que recolhemos fazem menção à violência na rua XV. Relatos de donos de estabelecimentos e dos próprios frequentadores. Chegam a pedir a ação da política para coibir “jovens baderneiros e briguentos”, para diminuir as “gangues de maloqueiros”. Há relatos também de jovens de uma certa classe média de que a rua XV, de uns tempos para cá, começou a ser invadida pela periferia, que trouxe consigo jovens “desqualificados” para o convívio social.

Vemos a partir destes relatos que os jovens que moram nos bairros mais periféricos da cidade, quando saem em grupo, para estarem no espaço público da rua mais movimentada de Guarapuava, são marcados pela sociedade “do outro lado” como maloqueiros, baderneiros, violentos. Certamente, carregam as marcas do seu estigma territorial no corpo, no comportamento, nas roupas, identificadas já como de jovens de periferia.

E é realmente significativa a presença de jovens de bairros periféricos nas noites da XV. Para se ter uma idéia, somente entre os transeuntes da rua entrevistados (um universo de 35 pessoas), 82% moram em bairros, 14% no centro, além de 3% em outro município (é comum haver pessoas de outras cidades nas noites da XV de Novembro). Dos bairros de procedências, destacam-se, pelo número de representantes, os seguintes: Boqueirão, Jardim das Américas, São Cristóvão, Imóvel Morro Alto, Morro Alto e Bonsucesso. Conforme podem ser observados na figura 02, trata-se de bairros mais ou menos distantes do centro e considerados a “periferia pobre” da cidade.

Uma questão que ficou em aberto no questionário e que poderá ser incorporada num próximo trabalho de campo é a forma como se deslocam dos locais de moradia até a rua XV. Uma hipótese que levantamos é que estes jovens de bairros afastados, geográfica e socialmente do centro, vêm em grupos e de ônibus.

Tais suspeitas emergem da articulação de uma evidência empírica e das referências teóricas. Empiricamente, pudemos observar que menos de 10% dos transeuntes entrevistados chegam à rua depois das 00:00 horas. De onde deduzimos que isso se dá, pois, os ônibus da cidade circulam com uma certa regularidade somente até este horário, reduzindo-se drasticamente depois deste horário¹.

As referências teóricas nos vêm de Castro (2004), quando nos fala da importância do amigo ou do grupo de amigos como passaporte dos jovens da casa para a rua; e também de Diógenes (1998) quando nos fala dos significados da passagem do bairro ao centro (dos espaços opacos para os espaços luminosos da cultura de massa) para os “jovens proscritos”, uma passagem que se dá em grupo, em galera, em gangue, conforme já apresentamos anteriormente.

¹ Também é possível que as pessoas que chegam antes da meia-noite na rua estejam ali só de passagem, para o que Almeida e Tracy (2003) chamaram de *pré-night*. Por isso, chegavam cedo para poder ver um pouco o movimento e depois iam embora, finalizar a noite em outro lugar. Se isso é um fato, é preciso considerar outra informação relevante do questionário: apenas 31% dos entrevistados afirmaram ir da XV direto para suas casas, ou seja, existe um número considerável de pessoas que, dentre as entrevistadas, que tem na XV seu principal local de encontro e diversão.

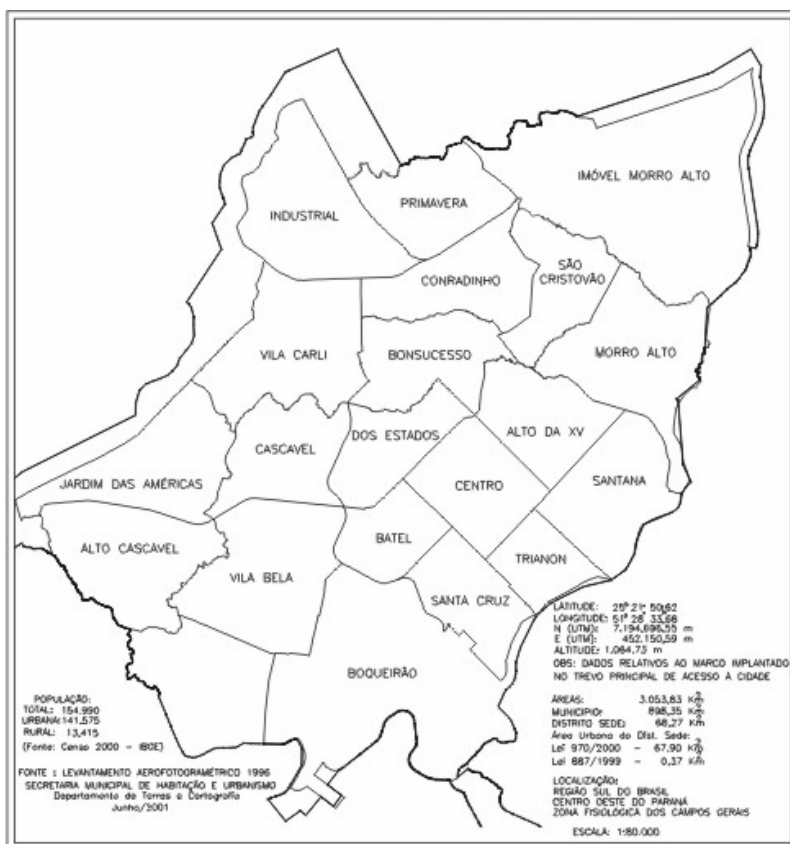


Figura 02: Área central e bairros de Guarapuava-PR

Outros dados importantes para subsidiar nossas hipóteses dizem respeito a articulação entre idade, renda e escolaridade dos transeuntes entrevistados. Dos 35 entrevistados, 68% está na faixa etária entre 15 e 25 anos, ou seja, estão no que demograficamente é considerado fase da juventude; 51% dos entrevistados estão na faixa de renda dos sem rendimentos até 2 salários mínimos.; e 34,2% tem até o ensino fundamental; 51,4% tem até o ensino médio, ou seja, 85,6% dos jovens estão ainda, ou pelo menos aqueles que ainda estudam, no campo da educação básica.

Estes mesmos jovens, quando perguntados porque escolheram estar na rua XV e não em outro lugar, responderam que: é na rua XV onde se tem o movimento da cidade; é na rua XV onde se encontram os amigos; e, sobretudo, na rua XV tem-se diversão gratuita.

Não podemos perder de vista que estamos diante de um espaço que, como mancha de lazer, é uma construção histórica que segue a lógica da produção do espaço urbano e, por isso, falar que a rua XV de Novembro é o espaço onde se converge a juventude em busca de lazer é falar de um processo em que um espaço se constrói articulando-se às práticas de uso que se dão cada vez mais como consumo no/do espaço.

Assim, formou-se um cenário, cujo *script*, para usar as expressões de Magnani (1993), quando conceitua mancha de lazer, é a convergência de jovens de todos os cantos da cidade para lá, por isso, não é de se estranhar que os jovens relatem que é na XV que eles encontram com os amigos. Ao mesmo tempo, este cenário, e isto é um dado fundamental, é constituído de uma rua e de uma praça, ou seja, espaços públicos, em que o circular e o parar não custam nada.

E a circulação é realmente intensa na XV. Circula-se muito à pé e, sobretudo, de carro e moto. O movimento de carros e motos pela XV não se dá como passagem para outro espaço, mas, principalmente, como forma mesma de divertir-se nesta mancha de lazer. Percorrer a XV à exaustão é parte do divertimento, é a forma instituída de estar na rua, interagir naquele espaço. Ver e ser visto é o objetivo dessa circulação. O deslocamento é lento, pode-se levar uns bons 20 minutos para se percorrer três quadras. Mas quem se propõe a passar ali não tem mesmo pressa. Alguns até param o trânsito para conversar com pessoas que estão nas calçadas, sem que isso aborreça os outros carros e motos que esperam.

O trajeto que se realiza na XV tem uma importância em si mesmo. Não objetiva conduzir de um ponto ao outro. O que importa é permanecer no trajeto o maior tempo possível, pois é nele que se vê quem está presente, que se encontra quem se procura.

Nesta cena, onde o que vale é atrair visibilidade, ganha quem melhor consegue aparecer. Para isso, algumas estratégias são utilizadas: a iluminação dos carros, o barulho dos escapamentos, a potência e o estilo do som etc.

Quando parados, em torno dos carros, agrupam-se jovens, conversando, bebendo e escutando som. A territorialidade deste grupo vai até onde o som emitido pode ser ouvido, e ele termina quando outro som começa, indicando outra roda em torno de outro carro.

Também as motos paradas formam grupos. Os motoqueiros/as, com seus/as caronas, geralmente, todos sentados ou encostados nas próprias motos, também desenham territórios particulares na XV. Compartilham do movimento e dos sons dos carros, mas estabelecem territórios próprios.

Tais territórios são perpassados pelos transeuntes, que à pé também desenham seus trajetos e territorialidades pela calçada, rua, pela praça e pelos bares, intensificando com seu andar o próprio movimento da mancha de lazer.

Para finalizar, gostaríamos de salientar ainda duas questões que chamaram bastante a atenção do grupo: a questão do cenário da mancha, como condição mesma da realização do lazer que ali tem lugar; e as transformações que acontecem naquele espaço ao longo de um mesmo dia, que pudemos constatar pelas observações realizadas ao longo do sábado e domingo.

Quanto ao cenário, ele é formado, conforme pode ser observado na figura 01, por alguns bares, postos de gasolina, restaurantes, onde se vai para consumir o que ali se oferece, mas sobretudo, formado por uma rua ampla, de mão dupla, com largas calçadas e por uma ampla praça, onde se tem bancos, pista para manobras de bicicletas. É este cenário assim configurado, que permite que pessoas vindas de vários bairros, mesmo não tendo dinheiro para estar e consumir nos bares e restaurantes, possam estar ali, na praça e na rua, incorporando-se ao e usufruindo do movimento que a rua oferece.

É justamente o cenário assim organizado, produzido dentro da lógica do espaço urbano, que permite o encontro de uma diversidade social que é econômica, mas também, ao mesmo tempo, é cultural, pelas diferentes “tribos urbanas” que para lá convergem. Um encontro e uma co-existência que não se dá sem tensões, algumas veladas outras mais explícitas. Por isso, também a rua, é objeto de diferentes representações sociais e discursos. Há os atores, sobretudo donos de estabelecimentos comerciais que pedem maior policiamento, para controlar a violência da rua, enquanto outros acham que a polícia atrapalha. Diferentes visões e modos de viver a XV. Tais considerações nos fazem lembrar de Castro (2004, p. 55), quando, na seguinte passagem, argumenta que:

As ruas se parecem conosco, com o modo pelo qual compreendemos e construímos o estar-junto com os demais. Os demais? Quem são os demais? Os demais são demais para nós: com quais “demais” aceitamos conviver? Nas ruas da cidade os outros se tornam “os de-mais, ou seja, quase excessivos, insuportavelmente próximos, acoçando-nos com a estranheza que despertam em nós.

Das observações realizadas ao longo do sábado e domingo, nos limitamos aqui a apresentar a principal evidência: a rua XV de Novembro não é a mesma de dia e de noite, como também não é a mesma no trecho do Chafariz da Avenida Manoel Ribas ao Colégio Visconde de Guarapuava e no trecho deste colégio à Avenida Saldanha Marinho. São dois momentos e dois espaços distintos do ponto de vista dos usos que têm a XV como referência. Na sala de aula, falou-se até da existência de duas XVs de Novembro, cujo divisor de águas seria o Colégio Visconde. Uma XV iluminada pelo Sol e outra XV iluminada pela Lua e pelas luzes dos postes e automóveis.

A primeira XV é a rua comercial, onde estão as lojas, bancos, farmácias. Durante o dia, este trecho da rua, o entre a Saldanha Marinho e o Colégio Visconde, é intensamente usado por consumidores, vendo vitrines, consumindo as mais diversas mercadorias, freqüentando os bancos etc. É o local mais vivo da cidade, pela concentração de pessoas e atividades. Enquanto o segundo trecho da mesma XV é um trecho de passagem e com poucos estabelecimentos comerciais; nele não chega o calçadão, que termina no Visconde.

À noite a situação se inverte. O comércio que movimentava a rua durante o dia, à noite fecha suas portas. O que estava fechado de dia, os bares e restaurantes nas proximidades da Praça Cleve se iluminam e dão início ao seu funcionamento. O contraste é muito maior quando estamos num final de semana.

As observações realizadas no correr do sábado e do domingo mostram que, a partir do meio dia do sábado, as lojas se fecham e a XV, em todo o seu percurso, tem um tempo de transição, de descanso, em que se prepara para receber o agito da noite. Mas quando desperta, é somente um trecho que acende. O das imediações da Praça Cleve. O outro trecho continua dormindo até o domingo, quando lentamente começa a receber as pessoas que vão à missa e que circulam por ali vendo as vitrines das lojas. Enquanto isso, a XV noturna dorme. Esta só vai acordar novamente após as 18:00 horas do domingo, mantendo-se viva até um pouco depois da meia-noite.

Na segunda-feira, tudo volta ao normal e a XV noturna se cura da ressaca, só voltando a abrir-se novamente na terça-feira.

Estas foram as principais reflexões desenvolvidas em sala de aula e depois aprofundadas nos relatórios que cada grupo produziu. Neste, os pontos salientados foram: aspectos metodológicos ligados às teorias do trabalho de campo, aspectos teóricos ligados à sociabilidade juvenil no meio urbano, considerando a constituição de manchas de lazer na cidade, uma parte de análise do material empírico coletado nas entrevistas da sexta-feira e nas observações do sábado e domingo e, por fim, uma conclusão onde se articulam o teórico com o empírico.

4. Considerações finais

Apresentamos aqui algumas das muitas observações que foram desenvolvidas no trabalho de campo e durante os debates em sala de aula. Os limites deste artigo não nos permitiriam falar de todos os aspectos abordados. Algumas questões importantes que também foram trabalhadas, mas que ficaram de fora deste texto foram: a presença de meninos de rua que vivem por ali na Praça Cleve, para quem a rua é como um “parque de diversões” e um meio de vida, ao mesmo tempo em que se inserem nas tramas dos grupos juvenis; a territorialidade dos/as profissionais do sexo divididos entre as ruas Guaíra e Padre Chagas, paralelas à rua XV de Novembro; o perfil e os pontos de vista dos frequentadores dos postos de gasolina, bem como de seus proprietários, e dos frequentadores dos bares e restaurantes da XV.

Do que foi dito, é interessante retomar que a rua XV de Novembro é um espaço de encontros dos amigos, mas também dos “inimigos”, um espaço de sociabilidade e também de hostilidades, próprias da co-existência da diversidade social e cultural num mesmo espaço. A XV se constitui como um espaço luminoso, em que os jovens sentem-se integrados nos circuitos globais de comunicação e consumo. Mesmo entre os jovens pobres, estar na XV é inserir-se pela imagem e pelo consumo daquele espaço nas tramas de uma “estética juvenil globalizada” como diria Diógenes (1998).

É uma vitrine de mercadorias em que os ricos exibem seus símbolos de *status* e os pobres contemplam seus objetos do desejo; em que os diferentes grupos juvenis, as gangues rivais, definidas territorialmente por seus bairros, se encontram e se enfrentam. Nesse enfrentamento, demonstram que a luz da Lua e da rua, embora sem fazer distinção de pessoas, não é recebida e compreendida por todos da mesma forma e, muitas vezes é ofuscada pelas manifestações de descontentamento e/ou rivalidades, acabando temporariamente com o movimento, a festa, a alegria, dando lugar à fuga e ao medo.

Mas, sobretudo, é importante salientar que esta experiência de trabalho de campo foi um interessante procedimento educativo tanto para os/as alunos/as quanto para o professor e professora.

Enquanto docentes numa instituição de ensino superior, sentimo-nos realizados por conduzir as atividades científicas envolvendo os acadêmicos/as e a sociedade, reforçando o papel do ensino na universidade. Assim, ao mesmo tempo em que exercemos a prática de ensino e produzimos conhecimento, também aprimoramos as metodologias de trabalho de campo valorizando ainda mais esse procedimento, principalmente, na Geografia.

5. Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria I. M. de; TRACY, Kátia M. de A.. Geografia da *night*. In: **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 25 – 64.
- CARRANO, Paulo C. R. Crônicas da *lucicidade* em Angra dos Reis. In: **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Damurá, 2002. p. 43 – 89.
- CASTRO, Lucia R. de. Travessias – de casa para a rua; Circulando pela cidade – trajetos e projetos; diversão e conversão. In: **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004. p. 40 – 100.
- COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v.9, p.143-159, 1999.
- DIÓGENES, Glória. O território e a festa: estética juvenil globalizada e os jovens excluídos. In: **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Séc. da Cultura e do Desporto, 1998. p. 35 – 53.
- FERNANDES, D. *et al.* **Saída para a rua XV de Novembro**. 20 p. Relatório de Trabalho de Campo (Graduação em Geografia). Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste: UNICENTRO, Guarapuava/PR, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 169-90. (Coleção Geografia Cultural).
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15 – 46, jul./dez. de 1997.
- KAYSER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Seleção de Textos** (Revista da AGB) São Paulo, n. 11, p. 25 – 43, 1985.
- LACOSTE Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Seleção de Textos** (Revista da AGB) São Paulo, n. 11, p. 1 – 23, 1985.
- MAGNANI, Cantor; GUILHERME, José. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v.35, p.191-203,1992.
- ROCHA JÚNIOR, J. M. da. *et al.* **Lazer e sociabilidade na rua XV de Novembro**. 2006. 21 p. Relatório de Trabalho de Campo (Graduação em Geografia). Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste: UNICENTRO, Guarapuava/PR, 2006.
- SILVEIRA, J. D. A excursão no ensino de Geografia. **Revista Geografia**, vol 2, n.4, São Paulo, 1936: AGB. p. 71-73.
- SUETEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia e trabalho de campo. **Colóquios: O discurso geográfico na aurora do século XXI**. UFSC, Florianópolis, 1996. (Digitado).
- TURRA NETO, Nécio. Do território aos territórios. In: SOUZA, A. J. de; SOUZA, E. B. C. de.; MAGNOMI JÚNIOR, L. (Org.). **Paisagem, território e região: em busca da identidade**. Cascavel: Edunioeste, 2000. p. 87 – 100.
- WINKIN, Yvês. Desce ao Campo. In: **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998. p. 129 – 145.

Recebido para publicação em 20 de outubro de 2006.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2006.